

## **Ensinar como especializar-se**

**Belinda Maia,  
Faculdade de Letras da Universidade do Porto**

### **Introdução**

Nesta sessão dedicada a debater o problema “**Tradutor literário/ tradutor técnico, a mesma profissão?**” proponho falar sobre a necessidade de ‘ensinar como especializar-se’. Assim, a minha preocupação não é a de ensinar uma ou mais especializações, como direito ou economia, aos alunos de cursos de tradução, mas antes debater o problema de ensinar a estes alunos o **como** saber especializar-se em qualquer área de conhecimento.

### **O mercado e o ensino – pontos de encontro e desencontro**

É notório que o mundo de ensino nem sempre satisfaz o mercado do trabalho. Por um lado, o mundo académico tradicionalmente evolui devagar e considera que tem de planear a médio ou longo prazo. Por outro lado, uma das características da vida nas últimas duas décadas tem sido a evolução rápida do mercado e uma aparente volatilidade em relação à perícia que exige dos trabalhadores. O mundo de tradução é um exemplo *par excellence* da diferença entre as perspectivas do mercado e as do mundo de ensino.

O mercado actual procura tradutores que possam traduzir faxes, cartas, e outros textos efémeros que aparecem em qualquer empresa. Também precisa de quem traduza manuais, livros de especialidade, publicidade, literatura, teses de doutoramento e, nos últimos anos, localização, multi-media, Internet e todos os produtos informáticos que fazem hoje parte da nossa vida.

O mundo académico oferece jovens com bacharelato ou licenciatura que aprenderam a traduzir faxes, cartas, artigos de jornal, uma variedade de textos literários, técnicos e científicos, e textos sobre economia, política e direito. Algumas escolas já preparam os alunos para fazer legendagem e traduzir páginas da Web. Chamar a isto ter conhecimentos de ‘localização’, seria, no entanto, um exagero.

O mercado evolui depressa, muda de tendência e necessidades rapidamente, raramente compreende a dificuldade da tradução, quer pagar o mínimo possível, e acredita que a tradução (semi-) automática lhe vai resolver os problemas. Também é verdade que, no mundo académico, quem é responsável por criar cursos de tradução nem sempre compreende a dificuldade da tradução, porque os professores podem traduzir por gosto, mas raramente para ganhar a vida.

Se por um lado o mundo académico nem sempre assume a responsabilidade de preparar os seus alunos para o mercado, por outro lado o mercado parece preferir 'tradutores' não licenciados por serem mais baratos. Embora nem sempre se importe com a qualidade, gosta de culpar o mundo

académico quando a tradução 'corre mal'. Faz exigências irrealistas - por exemplo que se ensine localização quando os docentes ainda não tiveram hipótese de se formar nesta área.

Anthony Pym (2000) sugere que há 3 classes de 'tradutor':

1. Qualquer pessoa com 'um conhecimento de línguas' - ganha pouco, quando ganha;
2. O tradutor formado - com emprego ou *freelance* - ordenado baixo > médio;
3. O 'super' tradutor - perfil internacional - ordenado alto.

Todos reconhecemos o tipo 1 e as traduções desastrosas que produzem na grande maioria dos casos. Fazem traduções como parte do seu trabalho normal, ou para 'amigos', ou oferecem os seus serviços a preços irrisórios. Entretanto, acreditam, como o público para quem trabalham, que qualquer um 'com jeito para línguas' pode traduzir.

Os tradutores existentes do tipo 2, vindo de uma faixa etária acima dos 45 anos, são exemplos de pessoas do tipo 1 que se dedicaram à tradução e, com o tempo, ganharam a experiência necessária para certos tipos de tradução. Uma pesquisa feita há alguns anos pelo INA (Instituto Nacional de Administração) demonstrou que existem vários tradutores em empregos, especialmente na função pública, que adquiriram o estatuto de tradutor nestas circunstâncias, e que poucos tem formação superior. Esta situação de funcionários mais antigos sem a formação que é agora exigida aos novos concorrentes para o emprego é, aliás, um fenómeno conhecido em muitas áreas, e não só na tradução.

Os tradutores tipo 2 mais jovens têm, por norma, um curso em tradução e, quando têm sorte, um emprego que facilita a especialização no âmbito da empresa ou da instituição. Entretanto, hoje em Portugal, devido ao fenómeno moderno de *out-sourcing*, a maior parte trabalham para empresas de tradução ou são *freelancers*. Assim, são obrigados a traduzir 'tudo', embora aqueles com anos de prática - ou sorte - tendem a especializar-se com a experiência. Este facto exige aos cursos de tradução formarem tradutores com a capacidade de saber trabalhar com várias especializações. Já não é possível sustentar o argumento que os cursos deveriam oferecer tradutores formados em tradução geral e deixar a tradução especializada à experiência de cada um no mundo do emprego.

Os tradutores tipo 3 normalmente têm formação em línguas, tradução, e uma ou várias especializações. São pessoas empreendedoras, aprenderem muito por si próprias, e souberam acompanhar as correntes do mercado. Utilizam todas as novas tecnologias - e-mail, Internet, tradução automática, e *software* de tradução - trabalham frequentemente em equipas e têm uma perspectiva internacional. Além de tradução mais tradicional, escrevem ou editam os textos originais, apresentam sumários de originais, criam memórias de tradução e as bases de dados terminológicas relacionadas, fazem localização e trabalham dentro de qualquer programa informático.

Há outro tipo de tradutores existentes que poderiam ser classificados por tipo 2A: o perito num domínio específico com bons conhecimentos de línguas. É preciso reconhecer que muita tradução técnica e científica é feita por tradutores tipo 2A, às vezes como parte integral do seu trabalho normal, ou como suplemento a este emprego. Este tipo de tradutor existe porque a experiência do

mercado com tradutores provenientes dos cursos actuais de tradução deixa entender que o perito com línguas muitas vezes produz melhores resultados do que um tradutor ou linguista com fraca compreensão da área técnica. Ora, como tradução deste género representa uma fonte grande de trabalho para o tradutor profissional, é preciso formar os alunos para poderem enfrentar o desafio.

### **Formação em Tradução e áreas afins**

Embora no passado a maior parte das dissertações de doutoramento ou mestrado em tradução estiveram associadas ou à Literatura ou à Linguística, começa agora a existir a possibilidade de se especializar em 'Translation Studies' (Estudos de Tradução). Ao mesmo tempo, há uma grande variedade de cursos em Tradução e Interpretação ao nível do Bacharelato e da Licenciatura, e são vários os cursos em institutos de línguas.

Graças à nossa herança estruturalista, é comum a noção de que a tradução é uma questão de substituir as palavras de uma língua pelas palavras de outra língua, com a ajuda de um dicionário. Embora muitos já reconheçam a importância de um alto nível de cultura para a boa tradução literária, poucos académicos aceitam o facto de que a tradução não-literária também exige um conhecimento do mundo bastante mais profundo que o 'simples' saber línguas e de como usar um glossário especializado.

É fundamental que o mundo académico reconheça que um bom tradutor precisa de uma formação académica ao nível de licenciatura tão ou mais exigente do que aquela oferecida a futuros professores do ensino secundário. Além da necessidade de ter um nível cultural elevado, um tradutor também tem de dominar as línguas estrangeiras e a sua língua materna a um nível superior ao do professor do ensino secundário. Enquanto o professor terá de ensinar a língua materna ou estrangeira a níveis elementares e médios utilizando manuais escolares preparados para este efeito, e utilizando textos e vocabulário limitado a um conjunto de temas muito gerais, o tradutor tem de traduzir textos de um vasto leque de temas, alguns muito especializados, que utilizam a língua estrangeira, ou a língua materna, de maneira muito sofisticada.

Entretanto os cursos de 'tradução (e interpretação)' continuam a aparecer como formação 'politécnica', e, embora o mundo universitário organize cursos de tradução para 'diversificar', tende a considerar esta solução como um mal necessário. O mesmo mundo universitário, por outro lado, aceita a formação de professores com mais agrado – talvez porque sempre achamos que a nossa própria profissão precisa de uma formação melhor que a profissão do vizinho.

Um análise dos currículos dos cursos de tradução (e interpretação) como aquela feita por Dias (2002) mostra que os elementos curriculares gerais incluem quase sempre línguas, tradução, literatura, cultura, linguística, cada vez mais a informática, e, às vezes, teoria da tradução. Os elementos curriculares específicos incluem disciplinas introdutórias a assuntos como economia, direito, política, ciência, tecnologia, e cursos profissionalizantes em secretariado e ciências empresariais. Estas cadeiras introdutórias são, sem dúvida, úteis para a cultura geral, mas, no sentido de ser uma preparação para uma especialização, é como dar um mapa da Europa a quem precisa de um mapa das ruas do Porto. Embora ajude o futuro tradutor a situar-se em relação ao

domínio geral, não ensina o necessário para produzir um texto especializado, numa área restrita, no registo apropriado, e com a terminologia certa.

Muitos cursos também citam tradução de textos especializados vindos destas e de outras áreas, embora uma análise do currículo normalmente leve à conclusão de que o número de horas de ensino dedicadas a estas ‘especializações’ não permite ir além de uma introdução relativamente genérica à variedade de textos que podem aparecer na área. O facto é que a prática do ensino de tradução de textos especializados varia muito segundo o grau de especialidade dos textos, a competência do professor na área de especialização e o nível de pesquisa exigido. A relação entre texto geral e especializado é muitas vezes uma questão de percepção do sujeito. Assim, um professor acha que um texto extraído de uma enciclopédia de medicina é um texto especializado, mas outro exige que os alunos trabalhem um texto descrevendo em pormenor os sintomas e tratamento de uma doença genética.

### **Tradução e interdisciplinabilidade**

A especialização ao nível de cursos de tradução é, de facto, reconhecido como uma fonte de problemas. Tem havido várias ‘soluções’, mas poucas com grande sucesso. Por exemplo, há algum tempo, havia uma universidade que, em 3 anos, ‘formava’ tradutores para empresas ou áreas específicas. É evidente que uma solução destas é impraticável – ou, pelo menos, mal pensada - no mundo de trabalho em fluxo, no início do século XXI. Outra ‘solução’ é encontrar um especialista com conhecimento de línguas que quer seguir um curso em tradução e envergar para a profissão de tradutor. Este ente - com quem muitas organizações sonha - existe, mas é uma ‘ave rara’.

Assim, como é difícil mudar a perspectiva tradicional de que formar tradutores é função das Humanidades, e como os docentes de Humanidades só são especialistas na sua área e há dificuldades em contratar muitos especialistas em domínios diferentes, é preciso criar um método interdisciplinar flexível. Se não podemos ensinar tudo, e não interessa, nem é possível, preparar os alunos de forma a resolver todos os problemas de tradução de um ou mais domínios especializados, temos de tentar resolver o problema de outra maneira. São várias as pessoas que estão a chegar à conclusão – de uma maneira ou outra – de que o que é preciso é ensinar como especializar-se.

Robinson (1997), que explora a psicologia de ensino para encontrar soluções para a formação de tradutores, sugere que os alunos se habituem a ‘pôr-se na pele’ do especialista. Advoga a consciencialização do futuro tradutor para a necessidade de serem bons psicólogos e apreciadores da vida humana que lhe circunde. Kiraly (2000) propõe o ‘Social Constructivist approach’ em que o professor encoraja o aluno a integrar-se na sociedade. Tal como Kiraly (2000), também Whitfield (2002) e outros, sugerem projectos reais de tradução na aula. No caso de não serem possíveis tais projectos reais, estes autores acham que devemos pelo menos criar situações que fingem a realidade do trabalho.

A noção de ‘ensinar como especializar-se’ surge gradualmente do trabalho de várias pessoas que tentam aproveitar a acessibilidade à informação oferecida pela Internet e outros recursos digitais para o processo da tradução. Na maior parte, começam com a percepção da utilidade de corpora,

ou textos em formato digital, como fonte de informação sobre o léxico e colocações ao nível monolíngue. À medida que a Internet permite dispôr de cada vez mais informação, desde a base de terminologia EURODICAUTOM até os pequenos glossários que qualquer um gosta de colocar à disposição de todos on-line, a possibilidade de conseguir ‘aquela palavra’ ou termo torna-se cada vez mais possível para quem quer investir tempo em procurá-lo.

Em vários países começamos a compreender a utilidade de criar corpora para a pesquisa de termos e a análise do discurso. Tem havido vários congressos para quem se interessa por esta área – os congressos TALC (Teaching Applications of Language Corpora) – uma série de congressos bienais desde 1994, PALC (Practical Applications of Language Corpora) 1, 2 e 3 em Lodz, Polónia e CULT e CULT 2K (Corpus Use and Learning to Translate). Entre outros, Varantola (2000), Bernardini (2000), Zanettin (2002), Stagnin (2000) e Maia (2000 & 2002), descrevem experiências com projectos de especialização.

Robinson (1997: 147) critica o método de ensino em que o aluno é obrigado a aprender listas de palavras com a ajuda do dicionário, mas descontextualizadas. Embora os novos dicionários pedagógicos – especialmente em inglês – já trazem muitos exemplos e, quando são apresentados em CD-ROM, até concordâncias – ou exemplos em contexto – tiradas de corpora, nem todos os professores se apercebem das vantagens inerentes destes instrumentos. O método de ‘listas de palavras’ é, ou era, especialmente favorecido para palavras ‘técnicas’. É preciso notar que, antigamente, quando o professor reconhecia alguma necessidade de ensinar tradução ‘técnica’, trabalhava por norma com os seus próprios conhecimentos, dicionários e glossários ‘técnicos’, e, se fosse mesmo sério, a ajuda de um perito.

Agora, trabalhamos cada vez mais com todas as possibilidades oferecidas pela Internet, corpora especializados, terminologia específica e a consulta de especialistas. Tentamos criar uma consciencialização dos vários níveis de especialização no texto e na terminologia e, na medida possível, a ‘imersão’ no assunto estudado. Devemos reconhecer que há todo um mundo de informação ao nosso dispor, e há cada vez métodos melhores e mais eficazes para o procurar. O dever do professor agora não é ser a fonte de toda a sabedoria, mas antes ensinar como procurar esta informação e seleccionar e aproveitar informação de qualidade.

## **Conclusões**

Embora correndo o risco de repetir o que outros disseram nesta sessão, gostava de insinuar a necessidade de ensinar ao futuro tradutor como comunicar com colegas, clientes, e especialistas, como trabalhar em equipa, e como fazer ‘networking’. Nunca é demais enfatizar que o tradutor tem de evoluir conforme as circunstâncias e actualizar-se sempre no uso de todas as novas tecnologias. Além disso queria enfatizar que, embora possamos oferecer formação numa área de especialidade, devemos aproveitar esta experiência para ensinar ao aluno não só esta área de especialidade, mas também os métodos e meios de especializar-se em qualquer outra área.

## BIBLIOGRAFIA

- Bernardini, S, F Zanettin, (eds) 2000 *I corpora nella didattica della traduzione*. Bologna, CLUEB.
- Fátima Dias' 2001 (unpublished dissertation for Translator's Certificate at University of Tarragona Tarragona) *2001: A Formação em Tradução em Portugal*.
- Kiraly, D. 2000. *A Social Constructivist Approach to Translator Education – Empowerment from Theory to Practice*. Manchester/ Northampton: St. Jerome Publishing
- Maia, Belinda. 2002. Nothing is inherently boring – reflections on training translators in terminology. In Maia, B, J Haller and M Ulrych. Pp. 355-364.
- Maia, B, J Haller, M Ulrych, (eds.) 2002 *Training the Language Services Provider for the New Millennium*. Porto, Universidade do Porto.
- Maia, B 2000 Making corpora: a learning process. In Bernardini, S. & F. Zanettin, (eds.) pp 47-6.
- Pym, A 2000 Training Translators and European Unification: A Model of the Market. A lecture given as part of the ' Theory meets Practice seminars, organized by the European Commission Translation Services.  
At [http://europa.eu.int/comm/translation/theory/lectures/2000\\_tp\\_pym.pdf](http://europa.eu.int/comm/translation/theory/lectures/2000_tp_pym.pdf)
- Robinson, D. 1997. *Becoming a Translator: An Accelerated Course*. London and New York: Routledge.
- Varantola, K 2000 Translators, Dictionaries and Text Corpora. In Bernardini, S. & F. Zanettin, (Eds). 2000, pp 117-133.
- Whitfield, A 2002 Teaching Translation Theory: a Canadian Case Study. In Maia, B, J Haller and M Ulrych. Pp. 111-124.
- Zanettin, F 2002 DIY corpora: the WWW and the translator. In Maia, B, Haller, J, Ulrych, M (eds.), pp 239-248.